

Adjetivos pátrios brasileiros

Clarissa Reis Melo
Jaciara Gomes*

Resumo:

Este artigo aborda o processo lexical na estrutura dos adjetivos pátrios brasileiros, classifica os mais produtivos e apresenta aqueles que fogem ao paradigma, para denotar a importância histórica, social ou cultural de dada região.

A morfologia estuda a estrutura interna das palavras, as diversas formas que tomam esses vocábulos conforme a categoria e a representação das regras de combinação dos sintagmas em frase. O estudo morfológico é realizado através de construções com morfemas (menor unidade significativa) que têm a capacidade de articularem-se com outras unidades. A morfologia divide-se em dois campos: o flexional e o campo lexical.

Neste artigo investiga-se o processo lexical, na estrutura dos adjetivos pátrios brasileiros e no seu processo de formação. Esses adjetivos derivam, geralmente, de substantivos e são utilizados para designar a origem de pessoas ou coisas. Os gentílicos são formados basicamente por derivação sufixal. Este aspecto será analisado para classificar o vocábulo mais produtivo e aqueles que fogem ao paradigma, para denotar a importância histórica, social ou cultural de dada região. O processo flexional que se refere às relações entre diferentes formas da mesma palavra, ou seja, a flexão de gênero (masculino e feminino) e a flexão de número (singular e plural) também será analisado no artigo.

1. ADJETIVOS PÁTRIOS: processos de formação

Para se conhecer a real estrutura da palavra, faz-se necessário dividi-la em partes, isto é, em morfemas que são unidades mínimas de um vocábulo, como exemplo tem-se *cearense*, que consta de um morfema lexical *cear-*, e de um morfema gramatical *-ense*. “O morfema é, pois, uma abstração que envolve significados e possibilidades combinatórias. Apresenta-se, o mais das vezes, formalizado em fonemas, que se concretizam por meio de sons” (Carone, 1995:23).

Morfologicamente, os adjetivos pátrios são formados basicamente de dois morfemas, o radical, que dá o verdadeiro sentido à palavra; e o sufixo, que estrutura a palavra de modo a torná-la uma palavra derivada, neste caso, um adjetivo. Segundo Basílio (1987:16), a formação de palavras pode-se referir ao processo de formar palavras e, numa interpretação passiva, referir-se ao modo como elas são constituídas. A autora afirma ainda que as gramáticas normativas se fixam, não na interpretação ativa, mas na passiva, pois só apresentam características das formações já consagradas. Seguindo este tema de Basílio, pode-se lembrar que a língua está em constante movimento e mudança, e palavras novas são formadas, assim como outras vão sendo esquecidas e desusadas.

* Trabalho desenvolvido na disciplina Língua Portuguesa 4, ministrada pela professora Ângela Paiva Dionísio no 2º semestre de 1999, do Curso de Letras, da UFPE.

É necessário conceituar substantivos e adjetivos, pois os pátrios derivam geralmente de substantivos. Para Bechara (1999: 112), substantivo é a classe de lexemas que se caracteriza por significar substâncias, qualidades, estados e processos. Já o adjetivo, para o mesmo gramático (1999:142), é a classe de lexema que caracteriza as possibilidades designativas do substantivo, ou seja, orienta denotativamente a referência ao denotado.

Os processos de formação de palavras mais freqüentes são derivação e composição. A derivação é constituída a partir de um radical mais um afixo. A palavra de que se deriva é normalmente uma forma livre – substantivo, adjetivo, verbo e advérbio. O processo de formação de palavras denominado composição se dá com a presença de, no mínimo, dois radicais num só vocábulo. Esse processo pode ser de dois modos, justaposição, quando as palavras não perdem elementos, apresentando hífen ou não, e composição por aglutinação, quando as palavras se unem havendo a perda de elementos.

2. Adjetivos Pátrios Brasileiros

A necessidade de se utilizar palavras faz com que elas sejam criadas. Depois da formação de um novo estado ou cidade, faz-se necessário formar adjetivo gentílico correspondente, para dessa forma designar as pessoas que lá nasceram ou as coisas que de lá são originárias. A palavra derivada mantém uma relação semântica com a palavra lexical formadora. No estudo aqui apresentado, a divisão foi feita de acordo com o morfema (sufixo). Existem no Brasil 26 estados com 26 capitais mais o Distrito Federal. Muitos dos quais admitem mais de um gentílico, como por exemplo, quem nasce em Brasília pode ser chamado de *brasiliano*, *bralsiense* e *candango*.

Daí poder-se-ia fazer a seguinte pergunta: por que não é usado apenas um sufixo para a formação dos gentílicos? Como se sabe, a língua é viva e há uma diversidade de abordagem, pois se forem utilizados quaisquer desses sufixos e se a palavra formada for compreendida, a criação estará completada. É por isso que às vezes se podem encontrar duas ou mais formas, sem a perda do significado, teoricamente uma só forma seria suficiente para designar um gentílico. Além da forma regular estruturada a partir do léxico, encontram-se também outras formações relacionadas a acidentes históricos, dessa maneira, não se pode “estabelecer generalizações concernentes à função dos processos de formação de palavras”(Basílio, 1987:24).

Morfemas preferenciais *-ês*, *-ense* e *-ão*, *-ano* são pares divergentes, a 1ª forma é popular e a 2ª é erudita (Ferreira, 1986). A definição de cada sufixo e sua significação serão agora explicadas segundo Ferreira (1986): *-ense*: do latim *-ense*, sufixo nominal que representa relação, procedência, origem (p. 660); *-ano*: do latim *-anu*, sufixo nominal que significa origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de (p. 163); *-ino*: do latim *-inu*, sufixo que indica semelhança, relação, origem, natureza (p. 948); *-ista*: do grego *-istés*, sufixo nominal que designa nomes gentílicos (p. 973); *-ico*: do grego *oikos*, elemento de composição, casa, domicílio, *habitat*, para este último o exemplo é *brasílico*: *brasil* + *-ico* (p. 617).

Há uma particularidade na formação do gentílico *brasileiro*, derivado do substantivo Brasil. A explicação é interessante porque o sufixo nominal *-eiro* vem do latim *-ariu* que quer dizer profissão, ocupação, origem, ofício (Ferreira,1986:163). É pertinente lembrar pedreiro, carpinteiro, padeiro, pois esses substantivos se referem

à ocupação da pessoa. “O sufixo *-eiro* se adiciona a substantivos, geralmente concretos, para formar substantivos que indicam indivíduos que exercem alguma atividade sistemática em relação ao objeto concreto que serve de base para a formação da palavra. Por exemplo, a partir de *sapato*, *cesta*, *camisa*, *livro*, etc, temos, respectivamente, *sapateiro*, *cesteiro*, *camiseiro*, *livreiro*” (Basílio, 1987:8/9). Então, por que quem nasce no Brasil é chamado *brasileiro*? Dizem que os portugueses recém-chegados ao Brasil no século XVI chamavam às pessoas que cortavam as árvores do pau-brasil, que eram levadas para a Europa, dessa forma, por isso acabou por designar as pessoas originárias do país. Mas pode-se ainda designar os brasileiros com outros adjetivos pátrios: *brasiliano*, *brasiliense*, *brasilense*, *brasílico* e *brasílio* (Ferreira, 1986:283), acrescentando aí os sufixos que significam mais especificamente a origem da pessoa ou coisa.

O estado do Piauí apresenta dois adjetivos pátrios, *piauiense*, mais usado e mais produtivo, e *piauizeiro* (*piauí-* + *-z-* + *-eiro*), definido em Ferreira (1986:1324) como “gíria pejorativa”, e daí lê-se em Basílio (1987:87/88), “o sufixo *-eiro*, em uma de suas múltiplas acepções, também pode ser pejorativizador. Neste caso, combinado com substantivo, caracteriza um indivíduo pela habitualidade de uma ação exercida em relação ao substantivo: *rueira*, *igrejeira*, *fofoqueira*, *festeiro*, *noveleiro*, etc.” Há também o gentílico *mineiro* (*min-* + *-eiro*) que se refere às pessoas ou coisas de Minas Gerais, mas que não apresenta idéia pejorativa. Para formar o plural troca o morfema Ø pelo morfema *-s* e o gênero é feito com o morfema Ø acrescentando o morfema *-a*, assim: *mineiro* / *mineira* / *mineiras*.

Na derivação dos gentílicos o sufixo mais produtivo é o *-ense* com 43 adjetivos, destaca-se ainda o *-ano* que forma 17 palavras. Os sufixos *-ino*, *-ista*, *-ico*, *-eiro*, mesmo apresentando mudança de classe gramatical, de substantivos para adjetivos, têm produtividade restrita, “a produtividade dos processos derivacionais é diretamente relacionada ao teor de generalidade de sua função” (Basílio, 1987:29). Os gentílicos terminados em *-ense* apresentam morfemas latentes pois sua terminação é invariável com relação ao gênero (masculino e feminino): *menino recifense* / *menina recifense*. O vocábulo Recife vem de recife, variação de arrecife e é formado a partir da forma aferética do árabe *ar-cíf*: caminho pavimentado (Ferreira, 1986: 1462).

Os adjetivos estudados formam basicamente o plural com o acréscimo do morfema *-s*. Inclusive os compostos, mas nem todos os vocábulos são flexionáveis em número, como exemplo: *norte-rio-grandense* se pluraliza *norte-rio-grandenses*. Os gentílicos formados com o morfema *-ano* flexionam-se da seguinte forma: o plural é formado com alternância do morfema Ø para o morfema *-s* (*paraibanos*) e o feminino é formado com o acréscimo do morfema *-a*, assim tem-se *pernambucana*. Nos adjetivos pátrios terminados em *-ense*, o plural é formado com a troca do morfema Ø para o morfema *-s*, como *maranhenses* e o gênero é feito com o morfema latente, da mesma forma, tem-se *piauienses*. Já nos gentílicos compostos, o 1º vocábulo continua no singular: o que estiver em segundo lugar admitirá o sufixo, seja adjetivo ou substantivo, como exemplos aparecem: *boa-vistenses*, *são-luisenses* e *sul-rio-grandenses*.

Os adjetivos terminados em *-o* formam o feminino com a mudança do morfema *-o* para o morfema *-a*, como os exemplos *paraibano* / *paraibana* , *belorizontino* /

belorizontina e *mineiro / mineira*. O gênero dos gentílicos terminados em sufixo *-ense* não se flexiona, como já foi visto.

São 23 os adjetivos formados por convenção histórica, dos quais apenas 3 denominações, *gaúcho* (RS), *candango* (Brasília) e *montanhês* (MG) formam o feminino: *gaúcha*, *candanga* (não foi encontrada no léxico brasileiro) e *montanhesa*, respectivamente. Os outros adjetivos históricos, em número de 20, não se flexionam em gênero, como por exemplo, *rapaz carioca / moça carioca*, *licor capixaba / bebida capixaba*.

Os gentílicos formados por derivação sufixal com o sufixo *-ense* são os seguintes: *alagoense* (*alago-* -*as-*), *amapaense* (*amapa-*), *amazonense* (*amazon-* -*-a*), *baiano* (*bahi-* -*-h-* -*-a*), *cearense* (*cear-* -*-a*), *maranhense* (*maranh-* -*-ão*), *paraense* (*para-*), *paranaense* (*parana-*), *piauiense* (*piauí-*), *fluminense* (do latim *flumen* = rio, *flumin-*), *roraimense* (*roraim-* -*-a*), *rondoniense* (*rondoni-* -*-a*), *catarinense* (*catarin-* -*-a*), *sergipense* (*sergip-* crase *ee*) e *tocantinense* (*tocantin-* -*-s*) que totalizam 15 estados. As capitais somam 17 e são: *aracajuense* (*aracaju-*), *belenense* (*bele-* troca -*m-* por -*n-*), *brasiliense* (*brasili-* -*-a*), *fortalezense* (*fortal-* + *-eza-*), *fortalexiense* (*fortal-* + *-exi-*), *goianiense* (*goiani-* -*-a*), *pessoense* (*pesso-* -*-a*), *ludovicense* (*ludovic-*), *macapaense* (*macapa-*), *maceioense* (*maceio-*), *manauense* (*manau-* -*-s*), *natalense* (*natal-*), *palmense* (*palm-* -*-as*), *recifense* (*recif-* crase *ee*), *salvadorense* (*salvador-*), *teresinense* (*teresin-* -*-a*) e *vitoriense* (*vitori-* -*-a*).

Os gentílicos formados por derivação sufixal com o sufixo *-ano* totalizam 14: destes 9 são estados, *acreano* (*acre-*: “É menos boa a grafia oficial acreano” (Ferreira, 1986: 38), *acriano* (*acr-* troca -*e-* por -*i-*), *alagoano* (*alago-* -*-as*), *baiano* (*bahian-* -*-h-* crase *aa*), *goiano* (*goia-* -*-s*), *paraibano* (*paraib-* crase *aa*), *pernambucano* (*pernambuc-* -*-o*), *rondoniano* (*rondoni-* crase *aa*), *sergipano* (*sergip-* -*-e*); e 5 são capitais formadas pelo mesmo processo: *aracajuano* (*aracaju-*), *brasiliano* (*brasilian-*), *cuiabano* (*cuaib-* crase *aa*), *curitibano* (*curitib-* crase *aa*), *paulistano* (*paulist-* crase *aa*).

O sufixo *-ista* é responsável pela formação de dois adjetivos. Esta derivação sufixal se dá em *geralista* (MG), vem de *geral-* de Gerais < Minas Gerais + *-ista*; e em *paulista* (*paul-* + *-ista*) que designa pessoas ou coisas do estado de São Paulo. O plural destes gentílicos se forma com o acréscimo do morfema *-s* e o gênero não se flexiona para o feminino, ou seja, é um morfema latente.

Os gentílicos compostos formados a partir do substantivo composto Belo Horizonte são *belo-horizontino* (*belo-horizont-* + o sufixo *-ino*), que é o processo de composição por justaposição (repare que o vocábulo recebe o acréscimo do hífen e não perde elementos) e *belorizontino*, que foi formado a partir da composição por aglutinação e derivação sufixal *-ino*, pois quando houve a fusão, o segundo radical perdeu a vogal *-o* numa crase *oo*. O plural de *belo-horizontino* e *belorizontino*, assim como dos demais vocábulos que têm essa formação, é formado com a troca do morfema Ø para o morfema *-s* e para formar o feminino alterna do morfema Ø para o morfema *-a*. O processo de formação por composição mais derivação sufixal formado com o sufixo *-ano* foi pesquisado em três gentílicos, do substantivo Mato Grosso derivou *mato-grossano* (*mato-gross-* + *-ano*) e dois substantivos de capitais originaram florianopolitano (*floriano-* + *-poli-* + *-t-* + *-ano*) de Florianópolis e *soteropolitano* (*sotérion*

= salvação + *pólis* + -t- + -ano: de Soterópolis: Cidade do Salvador). O plural se forma com o acréscimo do morfema -s e o feminino com alternância do morfema Ø para o morfema -a.

Os adjetivos pátrios formados por composição por justaposição + derivação sufixal com o sufixo -ense totalizam 11: sendo 5 estados, *espírito-santense* (*espírito-sant-*), *mato-grossense* (*mato-gross-*), *sul-mato-grossense* / *mato-grossense-do-sul* (*sul-mato-gross-*), *norte-rio-grandense* / *rio-grandense-do-norte* / *norte-riograndense* (*norte-riogrand-*), *sul-rio-grandense* / *rio-grandense-do-sul* / *sul-riograndense* (*sul-riogrand-*); e 6 capitais: *boa-vistense* (*boa-vist-*), *campo-grandense* (*campo-grand-*), *porto-alegrense* (*porto-alegr-*), *porto-velhense* (*porto-velh-*), *rio-branquense* (*rio-branqu-*), *são-luisense* (*são-luís-*).

Os gentílicos que fogem ao paradigma, ou seja, geralmente aqueles que não têm a formação a partir do radical mais sufixo, são formados por convenção histórica. Foram encontrados quatro adjetivos gentílicos para as seguintes capitais, para Brasília há o termo *candango* que significa os primeiros habitantes, operários vindos do Nordeste para trabalhar nas grandes obras, do quimbundo, tribo da África (Ferreira, 1986: 333); para o Rio de Janeiro existe *carioca* que vem do tupi *kari'oca*, e quer dizer casa do branco (Ferreira, 1986:353); para Manaus há o adjetivo *manauara* originado do tupi *manau'wara*, manau é o indivíduo da tribo indígena que habitava o rio Negro (Ferreira, 1986: 1075); os *natalenses* também são chamados de *papa-jerimuns*, sendo seu singular *papa-jerimum* que vem de *papar* + *jerimum* (Ferreira, 1986:1260). Os vocábulos que designam estados somam 19, incluídas as variações de uma mesma palavra, como acontece nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Norte, por exemplo. Para Santa Catarina há *barriga-verde* que significa apaixonado por pesca, o plural é *barrigas-verdes*, além de *catarineta*, *catarinete* e *caterinete* (*catarin-*); a explicação para o adjetivo de São Paulo, *bandeirante* (*bandeir-*) é que o sufixo -ante que caracteriza o adjetivo deriva o verbo bandeirar, -ante do latim -ante-, sufixo que significa agente, ação, qualidade, estado como exemplo tem-se: estudante (Ferreira, 1986: 127). A referência para Espírito Santo é *capixaba* que vem do tupi *kapi'xawa* e quer dizer terra de plantação, sítio, roça (Ferreira, 1986:344); no Rio Grande do Sul há *gaúcho* que se origina do espanhol platino *gaucho*, com mudança de acento, é relativo ao habitante do campo (Ferreira, 1986: 841), além de *guasca*; no Maranhão há *maranhão*, que é um substantivo masculino. Em Minas Gerais há *montanhês* (*montanh-*), o plural é *montanheses*, formado com o alomorfe -es. Os sulistas se referem ao *paranaense* como *paranista* e também como *tingui* que significa arbusto dos cerrados (Ferreira, 1986:1678); no Pará é *paraora* que vem do tupi *para'wara* (Ferreira, 1986: 1272); e por último vem o Rio Grande do Norte, onde as variações são sutis, a ver: *potiguar*, *potiguara*, *petiguar*, *pitaguar*, *pitiguar* e *pitiguara*, originam-se do tupi *poti'war* que quer dizer comedor de camarão, e também, tribo indígena que habitava as margens do rio Paraíba do Norte (PB) (Ferreira, 1986:1374). No plural, os vocábulos terminados em -r recebem o alomorfe -es, os terminados em -a recebem o morfema -s.

Conclusão

A importância da formação de palavras é clara na produção de um enunciado

ou para acrescentar novas palavras ao léxico. Ou como disse Basílio (1987:10), “o mecanismo da língua sempre procura atingir o máximo de eficiência, o que se traduz, num máximo de flexibilidade [...]. É essa flexibilidade que nos permite contar com um número gigantesco de elementos básicos de comunicação sem termos de sobrecarregar a memória com esses mesmos elementos.”

Neste trabalho, pode-se perceber na formação dos adjetivos pátrios brasileiros a produtividade mais significativa do processo de derivação sufixal, com maior ocorrência do sufixo *-ense*, como exemplo tem-se *natalense*, embora haja uma variedade de elementos que servem à construção desses adjetivos. Além disso, confirma-se a existência de formas que não derivam de substantivos, como *bandeirante*. E formas que têm explicações históricas e culturais, como *brasileiro* e *candango*. Para Câmara Jr. (1998: 81), “as palavras derivadas não obedecem a uma pauta sistemática e obrigatória para toda uma classe homogênea do léxico; os morfemas gramaticais de derivação não constituem assim um quadro regular, coerente e preciso”. A pesquisa visa, portanto, contribuir com uma aplicação dos conceitos morfológicos na formação dos adjetivos pátrios e nas várias possibilidades de aumentar o léxico, pois trata-se de palavras de um inventário aberto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos (1998). *Pesquisa na escola: o que é, como se faz*. São Paulo, Loyola.
- BASÍLIO, Margarida (1987). *Teoria lexical*. São Paulo, Ática.
- BECHARA, Evanildo (1999). *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Lucerna.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso (1998). *Estrutura da língua portuguesa*. 28. ed. Petrópolis, Vozes.
- CARONE, Flávia de Barros (1995). *Morfossintaxe*. 5. ed. São Paulo, Ática.
- CUNHA, Antônio Geraldo da (1997). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques (1992). *Dicionário brasileiro*. 23. ed. São Paulo, Globo.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996.
- SANDMANN, Antônio José (1996). *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba.
- VILELA, Mário (1995). *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra, Almedina.